

A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

SANDRA FÁTIMA ARRUDA BARRETO

Sandra Fátima Arruda Barreto atua como professora na rede municipal de ensino de Osasco.

RESUMO

O presente artigo traz a discussão sobre a dificuldade de aprendizado que os alunos têm nas séries iniciais do ensino fundamental I. Tem como objetivo analisar os efeitos das intervenções pedagógicas nos diversos níveis de alfabetização. O artigo aborda algumas reflexões na tentativa de compreender as razões para o analfabetismo que ainda persiste na etapa final do ensino fundamental I. Também discorre sobre metodologias que possam melhorar os índices de analfabetismo, com o objetivo de orientar os educadores, para torná-los formadores de alunos(as) mais preparados para as séries iniciais e tornar os alunos mais preparados para outras etapas que a vida e a sociedade lhes apresentarão.

PALAVRAS CHAVES

Dificuldade. Alfabetização. Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, em que a tecnologia está em alta e com ela surgem novos recursos educacionais, ainda temos muitas crianças com dificuldades no processo de alfabetização em todas as séries do ensino fundamental. O número de alunos(as) com dificuldades de aprendizagem tem crescido e por diversos motivos.

O Brasil, uma das dez maiores economias do mundo, entra na última década do século com as seguintes características:

- 1/3 da população vive com renda mensal de ¼ de salário mínimo. São 45 milhões de pessoas, ou 11 milhões de famílias, em estado de extrema pobreza;
- A taxa de mortalidade infantil é de 67 para cada mil crianças nascidas vivas, enquanto nos países desenvolvidos a taxa é de 8 para mil;
- 7,5 milhões de adolescentes de 10 a 17 anos precisam trabalhar para sobreviver;
- 53,5% das crianças de 10 a 17 anos passam fome, milhares delas moram nas ruas;
- 4 milhões de crianças de 7 a 14 anos estão fora da escola;
- 60% dos alunos matriculados no primeiro ano não concluem a 8ª série, e 97% dos alunos repetem uma das séries;
- 60% dos brasileiros são analfabetos funcionais, não conseguem entender um texto simples, escrever um bilhete ou fazer contas. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2003; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007).

Além disso, “de cada 100 dólares aplicados na educação, apenas 25 chegam ao ensino fundamental” (PINTO, 2000, p.148), caracterizando um ensino de baixa qualidade, com falta de vagas, baixos salários dos professores e desinteresse generalizado.

Esse quadro reflete o dia a dia da sala de aula, principalmente das escolas públicas, onde estudam crianças oriundas de família de baixa renda com inúmeros problemas. Muitos desses problemas não podem ser resolvidos com teorias psicológicas ou pedagógicas, mas com uma política educacional real, concreta, dos governos federal, estadual e municipal.

Não basta ao educador apenas ter conhecimento desta situação e responsabilizar o sistema. É preciso ter consciência de sua função e de seu papel como agente transformador e saber que sua ação marca positivamente ou negativamente as dezenas de centenas de vidas que lhe são confiadas.

DESENVOLVIMENTO

Na área da alfabetização, grandes avanços aconteceram nos últimos anos. Pesquisas e teorias de Jean Piaget, Emilia Ferreiro, Vigotsky, Paulo Freire e outros foram significativas.

As teorias de Jean Piaget e seus seguidores contribuíram muito para a prática pedagógica, principalmente na alfabetização. Tanto para Piaget como para Emilia Ferreiro, o conhecimento é uma construção permanente. O sujeito, pensa, pergunta, formula e busca, enfim, constrói conhecimento (PIAGET, 1961; FERREIRO, 1987).

Há que se considerar também a prática pedagógica libertadora de Paulo Freire. Para esse educador, o ato de ler e escrever não se restringe apenas à compreensão do código, mas a uma tomada de consciência da realidade e a libertação do estado de passividade, alienação, para um estado de participação na transformação da sociedade (FREIRE, 1982).

É necessário acrescentar ainda os fundamentos da educação lúdica, que ultrapassa a concepção de jogo pelo jogo como sinônimo de passatempo, diversão, mas a concepção de trabalho-jogo, fundamentado no ato de pensar, no produzir, no criar e elaborar, sem perder o prazer do desafio.

Por outro lado os educadores trazem consigo uma bagagem riquíssima de conhecimentos e experiência para a sala de aula. Mas isso não basta. É necessário buscar mais por meio da leitura, cursos, pesquisas, análise do cotidiano.

Na área da educação há teorias que em muito poderão enriquecer a prática. Os melhores resultados de um trabalho pedagógico ocorrem com educadores que leem, estudam, pesquisam, perguntam, criam, pois estas ações, além de dar respostas aos porquês, enriquecem a prática e dão coragem para enfrentar o novo.

A alfabetização é o domínio do ato de ler e escrever. Mas é necessário analisarmos mais profundamente o que vem a ser esse ato. Analisando o processo, podemos verificar que a criança nos seus primeiros anos tem a capacidade de elaborar pensamentos mediante aquilo que ela vê, ouve, sente, exteriorizando assim os pensamentos através de gestos e da linguagem falada.

A escrita aparece com o rudimento dos traços simples, pictóricos, podendo no início se dar de forma mecânica. Em seguida passam a ter formas intencionais de expressão, de pensamentos e sentimentos.

A criança na fase de pré-alfabetização consegue elaborar pensamentos através daquilo que vê, ouve e sente. Principia uma pseudo-leitura de estruturas linguísticas relacionadas a seu mundo, exteriorizando assim o pensamento através de gestos e linguagem falada.

Nessa fase, elas interpretam mensagens expressas pelo código escrito, expressam seus sentimentos não só na oralidade, mas também através da escrita.

Observando essa evolução entre pensamento, fala, leitura e escrita podemos perceber de forma clara que o sentido de uma alfabetização plena está no ato de gerenciar:

- O ato de ler e escrever fundamentado através dos pensamentos, nas ideias, em outras palavras, na inteligência;
- O ato de ler não como mera decifração e visualização de elementos isolados, mas fundamentado na compreensão e interpretação do código escrito;
- A escrita, não como uma atividade mecânica, cópia de letras e palavras, mas como uma forma de representação de ideias, pensamentos, sentimentos para melhor comunicação e interação.

Muitas vezes os pais são responsabilizados pelos fracassos de seus filhos, enquanto nossas escolas não possuem estrutura e corpo docente adequados capazes de suprir as reais necessidades do aluno de hoje, capazes de torná-lo um cidadão crítico, produtivo, que saiba lutar pelos seus direitos na sociedade injusta em que vivemos.

A garantia de um bom resultado no processo de aprendizagem escolar está no ato de planejar, que não se trata de uma ação tecnicista formal, burocrática, mas de uma ação consciente que, a partir das modificações da realidade concreta, se transforma, buscando sempre melhores condições para o(a) aluno(a).

Do planejamento fazem parte, além da análise da realidade, a definição de metas, a seleção de conteúdos, as opções metodológicas e os critérios de avaliação, mas cada uma dessas ações deve sempre ser acompanhado de reflexão, de busca, de mudança, a fim de provocar o aprimoramento da ação interior e o ajustamento à realidade.

Para desenvolver um bom planejamento é importante partir da realidade do(a) aluno(a) e levar em consideração:

- Os conhecimentos acumulados, experiências com brinquedos, com desenhos, com números, letras e palavras; desenvolvimento intelectual, afetivo, físico e linguístico;
- As condições de vida, cultura, expectativas;
- O contexto, lugar onde mora, rua, bairro, cidade;
- A expectativa que têm em relação à vida, à leitura e à escrita.

Observando uma criança, verifica-se que ela aprende a engatinhar, a andar, a correr por si mesma, por meio de lições dos adultos. A vida de uma criança é uma sucessão de aprendizado adquirido por ela mesma, em contato com outros.

[...] Ao chegar à escola, ela traz consigo uma bagagem de infinitas experiências e conhecimentos acumulados, conquistados por meio da exploração visual, auditiva, jogos, brincadeiras, conversas, passeios, contatos, brinquedos, que influenciarão no processo de aprendizagem. No processo

de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança se defronta com um mundo cheio de atrações (letras, palavras, textos) e se engajará nesse mundo muito mais facilmente se puder participar integralmente dele e se o processo for transformado num grande ato lúdico (participativo, prazeroso, inteligente) em oposição ao ato técnico (estatístico, repetitivo, mecânico) muito próprio das escolas [...]. (PHARAOH, 2011)

Há muitas causas que levam ao fracasso da alfabetização, mas não podemos deixar de considerar que a maioria delas são de ordem metodológica. Quanto mais seguros estiverem os(as) educadores(as) para orientar a caminhada dos(as) alunos(as), quanto mais consciência tiverem da função de animador, dinamizador, problematizador desafiador, criador de situações, melhores serão os resultados.

Quanto à questão metodológica, podemos notar que existe muita discussão e estudos sobre métodos, técnicas de alfabetização, cada um defendendo seus princípios e sua eficiência.

O que existem são métodos mais ou menos adequados às capacidades individuais, aos contextos culturais, às opções ideológicas e até religiosas. A adequação e a escolha do caminho a seguir estão muito mais para a formação e a capacitação do(a) professor(a) do que o método em si.

O que podemos também acrescentar é que existem alguns princípios metodológicos universalmente consagrados pelo seu embasamento científico, que levam a melhores resultados. Esses princípios não podem deixar de ser considerados no processo da aprendizagem da leitura e da escrita.

Ler e escrever não são ações derivadas apenas dos olhos, dos ouvidos, do meio, mas de um cérebro que coordena e dirige tudo.

A alfabetização voltada para a mobilização do pensamento, como a descoberta, as formulações e as hipóteses, a criatividade, o raciocínio, favorece muito mais o aprendizado que ficar apenas na memorização de letras, palavras, frases e escritas soltas. O(a) aluno(a) alfabetizado(a), na perspectiva da construção de seu conhecimento, garante um aprendizado rico em conhecimentos que o auxiliam numa atuação construtiva sobre o seu mundo.

Todo o processo de aprendizagem exige participação. A pessoa aprende a nadar, entrando na água, aprende a dirigir um carro entrando no carro. Da mesma forma, aprender a ler e a escrever se faz com mais facilidade se se mantiver o contato direto com letras, palavras e textos ricos em mensagens. Para isso o(a) professor(a) deve transformar sua sala de aula ou espaço num local rico em elementos visuais, cartazes, embalagens, letreiros, placas, jornais, revistas, livros e fazê-lo participar olhando, falando, analisando, manipulando, dialogando, debatendo sobre mensagens e temas ali sugeridos.

É necessária a superação da fase tradicional em que se propunha um aprendizado apenas com lápis, caderno, quadro negro, cartilha e o aluno apenas como espectador e ouvinte e partir para uma ação participativa, onde o(a) aluno(a) passe de espectador(a) para ator, de ouvinte para construtor de seu próprio conhecimento.

Quanto mais propício for o ambiente, com variedades de recursos, melhor será o resultado, possibilitando às crianças que sejam futuros cidadãos críticos prontos para lutar e exigir os seus direitos perante a sociedade em que vivem.

O grupo de alunos(as) objeto dessa pesquisa está há dois anos junto. São crianças de 10 e 11 anos que frequentam o 5º ano do ensino fundamental na escola municipal de ensino fundamental – EMEF Profª Terezinha Martins Pereira e moram no bairro periférico em que a escola está inserida. A maioria dos pais não concluiu o ensino fundamental e poucos terminaram o ensino médio. Dentro do grupo há crianças que cuidam de seus irmãos mais novos, tornando-se responsáveis pelas crianças menores.

É dentro desse panorama que observamos algumas dificuldades:

- Encadeamento de ideias, tanto para leitura como para escrita
- Dificuldades no raciocínio lógico matemático
- Domínio da base alfabética.

Deve se considerar sempre que a educação prepara os indivíduos para acompanhar a sociedade em acelerado processo de mudança. A nova educação vem se pautando no fato de que vivemos em uma sociedade dinâmica, na qual as transformações em ritmo acelerado tornam os conhecimentos cada vez mais provisórios, pois um conhecimento que hoje é tido como verdadeiro pode ser superado em poucos anos ou mesmo em alguns meses.

CONCLUSÃO

De um lado as famílias, vistas como descomprometidas com a educação de seus filhos, e as crianças, tomadas como desinteressadas e carentes culturalmente; de outro lado a escola, nas figuras da professora ou dos métodos de ensino defasados.

Em relação à escrita, coloca-se igualmente para o(a) professor(a) o desafio de agir sobre o texto do(a) aluno(a), de modo que este possa apropriar-se do escrever como busca de interlocução, como também aprender as convenções que regem a construção de textos nos diferentes gêneros de escrita.

Assim o(a) professor(a) se expõe a novos desafios constantemente, e para enfrentá-los deve propor, através do projeto eco-político-pedagógico, situações didáticas que sejam de interesse, de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança. A heterogeneidade da sala de aula é muito importante para o processo de construção do conhecimento, além de exigir que o(a) professor(a) estude muito e conheça bem seus alunos(as), para assim propor atividades em que eles possam aprender também uns com os outros.

Os(as) alunos(as) que apresentam dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental carregam consigo o estigma do desinteresse, preguiça. As implicações destes rótulos acarretam prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, comprometem a vida na sociedade.

É possível acreditar que a criança também aprende através de brincadeiras, músicas, jogos lúdicos e, o mais importante, com carinho, amor e dedicação por parte de professores(as) e familiares.

Torna-se ainda necessário fazer com que a criança conquiste uma vida de experiências sem restrições e mutilações, com um conteúdo emocional sadio, por isso o(a) educador(a) deve construir estratégias junto com a criança para o bom desempenho das funções de leitura e escrita por meio de intervenção pedagógica.

O desejo é que transformações ocorram o quanto antes, daí a importância do diagnóstico precoce, para que a criança tenha a oportunidade de crescer mais feliz, aprendendo a lidar com as dificuldades que encontrará ao longo de sua vida, tendo a consciência de que não será uma caminhada fácil, mas que poderá chegar à universidade e se tornar um excelente profissional.

THE IMPORTANCE OF LITERACY AT ELEMENTARY SCHOOL

SANDRA FÁTIMA ARRUDA BARRETO

ABSTRACT

This paper presents a discussion about the difficulty of learning that students have in the early grades of elementary school I. Aims to analyze the effects of educational interventions on various levels of literacy. The article discusses some considerations in trying to understand the reasons for illiteracy that still persists in the final stage of the elementary school, and also discusses methodologies that can improve literacy rates, aiming to guide educators, to make them excellent literacy trainers and students (the) more prepared for the early grades and other steps that life and society they present.

KEYWORDS

Difficulty. Literacy. Elementary school.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília, DF: INEP, 2003.

PIAGET, Jean. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

PINTO, José Marcelino Rezende. **Os Recursos para Educação no Brasil no Contexto das Finanças Públicas**. Brasília: Plano, 2000.

PHARAOH, João Carlos. Corrigir ou Aceitar – o erro no processo de alfabetização? 30 abr. 2011. Disponível em: <<http://joaopharaoh.blogspot.com.br/2011/04/corrigir-ou-aceitar-o-erro-no-processo.html>>. Acesso em: 20 mar. 2013.